Leitura: a literatura infantil e juvenil hoje

Denise Almeida Silva[1]
Silvia Helena Niederauer[2]

> Se, não sei que de excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.
>
> (Roland Barthes)

Pensar em leitura requer cuidado e atenção, pois nela centram-se inúmeras potencialidades de reflexão e discussão: O que ler? Como ler? Por que ler? A lista de indagações é quase ilimitada em um mundo de internet rápida, fugacidade de tempo, globalização, e tantos outros instrumentos que os dias de hoje nos apresenta.

Enfrentar o desafio que a leitura impõe é fazer um recorte possível a partir de um universo de infinitas escolhas – inúmeros são os livros, os filmes as HQ disponíveis ao jovem leitor. Para Lígia Cademartori (2009):

---

[1] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) - Câmpus de Frederico Westphalen.

[2] Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) - Câmpus de Frederico Westphalen.

> É por esse recorte entre infinitos outros que embarcamos na leitura: um deslocamento no tempo, no espaço, uma travessia ao final da qual a própria experiência da vida real pode ser compreendida de outro modo (p. 45).

Diversas são as maneiras de se ler o mundo e, por extensão, lermos a nós mesmos. Movido pela curiosidade, estabelece-se o pacto silencioso entre autor e leitor: o que cria o universo ficcional o traduz em verdade possível aos olhos de quem lê; quem lê, participa efetivamente desta "mentira/verdade" de tal maneira que vive o lido como se realidade fosse. E é aí que está a grande chave da descoberta do mundo da leitura: as histórias passam a fazer parte do leitor, que inicia a 'viagem', percurso estático geograficamente falando, mas de experiência vívida, que ultrapassa a ilusão vertida nas palavras que compõem o texto. De acordo com Wolfgang Iser:

> Cada momento articulado da leitura resulta numa mudança de perspectiva e cria uma combinação intrínseca de perspectivas textuais diferenciadas, de horizontes vazios de memórias esvaziadas, de modificações presentes e de futuras expectativas. [...] no fluxo temporal da leitura, o passado e o futuro convergem continuamente no presente (1999, p. 23).

Por este viés, a leitura ganha espaço por possibilitar a abertura para a formação de um novo estar no mundo, de uma nova mentalidade, uma vez que é ela que proporciona a consolidação do ser humano enquanto gerenciador de sua relação com o outro. Assim, ler torna-se imperioso se quer-se celebrar a independência de pensamento, descobrir infinitas possibilidades de construção de conhecimento, colocar-se como ser pensante e reflexivo diante de um mundo em constante mudança.

Se a questão de leitura, seja ela literária ou não, verbal ou não, suscita diversas perguntas, o que pensar sobre a leitura destinada ao público infantil e juvenil? Há respostas possíveis, mas nenhuma se dará por completo, uma vez

que, segundo Nelly Novaes Coelho, em *Literatura Infantil*: teoria, análise, didática (2000):

> A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...] (p. 27).

A citação retoma o velho debate sobre a função e papel da literatura infantil e juvenil. Nascida quando a infância começa a ser percebida como um período do desenvolvimento humano com características próprias, e, por conseguinte, quando a criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura, a literatura infantil passa a figurar no mercado enquanto bem cultural, lado a lado com outros produtos e processos decorrentes dessa nova concepção, como o brinquedo, o objeto industrializado, e novos ramos da ciência, tais como a psicologia infantil, a pedagogia e a pediatria (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988). Esse novo foco e preocupação com a infância levam ao desejo de que a literatura seja posta a serviço da formação do indivíduo.

Se, por um lado, queria-se o livro como instrumental para o controle do desenvolvimento intelectual da criança, por outro lado este passava a ser visualizado, também, como meio para manipular suas emoções. Como Zilberman ainda ressalta, "literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão" (1985, p. 13). Quando, contudo, cresce o entendimento sobre a natureza da infância, sobretudo com o desenvolvimento da Psicologia e da Psicanálise, passa a pensar-se a importância do lúdico, da imaginação, emoção, o que leva à consideração do prazer da leitura, e do livro infantil como arte literária, não didática.

No Brasil, essas duas tendências foram representadas, no início do século XX, por um lado por obras de caráter moral ou patriótico-ufanista. Por

esse viés, autor exemplar é Olavo Bilac, com seus *Poesias Infantis* (1904), *Contos pátrios* (1904) (em parceria com Coelho Neto) e *Através do Brasil* (1910) de Olavo Bilac (com e Manuel Bonfim). Por outro lado, é Monteiro Lobato quem pioneiramente percebe com clareza a importância do respeito à imaginação, ludicidade e vivências infantis.

Se um olhar histórico ao desenvolvimento da literatura infantil e juvenil proporciona a visão da dicotomia pedagógico x lúdico entre nós em seus estágios iniciais, a historiografia literária da literatura infanto-juvenil brasileira ajuda a dimensionar ainda outra tendência: o uso das adaptações. No século XIX, quando a literatura infantil no Brasil ainda engatinhava, são publicadas, esporadicamente, obras traduzidas e adaptadas: *Aventuras do Barão de Münchhausen* (1891), *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoé* (1885), *Viagens de Gulliver a terras desconhecidas* (1888), *Contos da Carochinha* (1894), *Histórias da baratinha* (1896).

O dossiê temático ora proposto visa perceber como essa literatura se faz presente, na atualidade, no imaginário dos docentes e pesquisadores que se dedicam ao ensino e à reflexão sobre literatura infantil e juvenil hoje. Tomando-se o conjunto de ensaios selecionado, percebe-se ainda a presença de preocupação sobre o caráter da literatura infantil (ainda que a compreensão da literatura infantil e juvenil como *essencialmente* pedagógica tenha – feliz e compreensivelmente – perdido o vigor). Outro interesse é a relação entre a literatura e as vivências e psicologia da criança e do adolescente. Afloram, ainda, estudos sobre recriações e adaptações, agora, centrados, sobretudo, no dialogismo, nas ressonâncias intertextuais com obras destinadas ao público adulto, e com contos de fada.

Abre essas reflexões o ensaio de Juliana Santini e Rejane Cristina Rocha, as quais relembram como o caráter pedagógico da literatura infantil serviu, durante muito tempo, como fator de desprestígio do gênero. Em "Com

quantas cores se narra uma saudade?", as autoras analisam de que modo a narrativa *O meu amigo pintor*, de Lygia Bojunga, supera esse modelo, ao instaurar um equilíbrio entre o respeito ao universo em formação da criança e os meios linguísticos que representam o universo infantil a partir do olhar da própria criança, facultando-lhe a elaboração de seus significados.

Fernando de Moraes Gebra e Tatiara Ferranti propõem uma análise dos mecanismos de construção de identidades relacionados ao desdobramento de personalidades encontrado no conto "À procura de um reflexo" (1982), de Marina Colasanti, no qual a personagem principal precisa realizar uma travessia ritualística pelos espaços de uma caverna cheia de espelhos, passando a se conhecer pelo confronto com o desconhecido. Pauta a análise, de forma especial, o estudo da, representado da reelaboração da tradição oral dos contos de fada por meio da inserção de problemáticas pós-modernas, como a crise das identidades.

Também Leomir Silva de Carvalho e Augusto de Oliveira Holanda, em "Marcas da contemporaneidade em *Ana Z*", tomam um texto de Marina Colassanti, a novela *Ana Z. Aonde vai você?*, como corpus a partir do qual identificam marcas que a aproximam das narrativas contemporâneas. Salientam a forma como o texto dialoga com outros gêneros, elaborando um espaço de inacabamento pelo qual a personagem se movimenta, criando a cada passo novos limites para a narrativa contemporânea.

Ainda refletindo sobre o diálogo intertextual da literatura infantil e juvenil com textos previamente publicados, Luziane de Sousa Feitosa e Diógenes Buenos Aires de Carvalho buscam evidenciar os artifícios adotados no sentido de aproximar *Notre-Dame de Paris*, romance histórico e de tese da autoria de Victor Hugo, do público juvenil brasileiro. Os autores ressaltam aspectos relativos às estruturas formais da narrativa, tratamento dado ao enredo e temas adotados, na adaptação *O corcunda de Notre-Dame* (1997), de

autoria de Jiro Takahashi, com o intuito de tornar a obra atrativa a esse novo público.

Na sequência, Carla Damas Silva e Paulo Fonseca Andrade, em "Pela criança que ainda existe na gente" analisam reflexões acerca da natureza e função da literatura, e em especial da literatura infantil e juvenil, expressas por Bartolomeu Campos de Queirós, que é, também, autor de livros infantis. Queiroz sublinha que nem sempre a infância é "colorida", feliz e perfeita, como procuram fazer crer diversas produções supostamente feitas "para crianças", as quais subvalorizam a capacidade infantil de percepção e interpretação do mundo.

Encerrando o dossiê temático, "Encontro de sentidos em uma nova velha história", de Mariana Cortez, discute a relação de sentido entre as vozes presente na obra *Fita Verde no Cabelo*, de Guimarães Rosa, conto que retoma a história infantil *Chapeuzinho Vermelho,* com a qual mantém relação de assimilação e transformação.

A seção Vária apresenta três instigantes ensaios, os quais enfocam a relação da literatura com outras mídias. "Ritos de passagem*:* uma cartografia animada para o cordel", de Kenia Faria Brant, problematiza relação do Cordel com o cinema de animação, especificamente no longa-metragem *Ritos de Passagem*, do artista plástico e cineasta Francisco Liberato. Em "A recriação dos contos populares e a constituição da narradora arquetípica na minissérie Hoje é dia de Maria (2005)", Cristiane Passafaro Guzzi e Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan analisam o trabalho de releitura de contos populares realizado na minissérie *Hoje é dia de Maria* (2005), estudando, especialmente, o papel operado pela voz narrativa. Já Rosângela Fachel de Medeiros, em "Olhares cinematográficos femininos: uma análise comparada dos filmes *A mulher sem cabeça* e *Longe dela*", reflete sobre a emergência de um olhar

feminino no fazer cinematográfico contemporâneo, o qual se contrapõe ao olhar cinematográfico masculino hegemônico do cinema hollywoodiano.

"A certeza da despedida" e "Alabardas, espingardas e a obra póstuma de Saramago", são resenhas que convidam à leitura de, respectivamente, *Caderno de um ausente,* de João Anzanello Carrascoza, e *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, obra póstuma de José Saramago.

Por fim, "Convite à criação" traz poemas de Esmeralda Ribeiro, bem conhecida poetisa, contista e ensaísta brasileira, e uma das coordenadoras do coletivo literário *Quilombhoje,* e de Carlos Roberto Gómez Beras, poeta dominicano, atualmente residente em Porto Rico, duas vezes detentor do Premio Nacional de Poesía do PEN Club de Porto Rico (1989 e 2012). Com prazer, *Literatura em Debate* agradece aos autores por dividirem suas criações com nossos leitores, o que certamente colaborará não só para seu deleite, mas para o incentivo ao surgimento de novas vocações, que continuarão encontrando, aqui, incentivo a seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2008.

CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura*: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. v. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LAJOLO, Marisa. *Literatura*: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

_____; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.